



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

LAURA CORREA SILVA

A MEDIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO EXTRAESCOLAR

Brasília-DF

2022

LAURA CORREA SILVA

A MEDIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO EXTRAESCOLAR

Trabalho final de curso para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora:

Prof. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

Brasília-DF

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CS586m Silva, Laura Correa
A mediação da alfabetização com foco na consciência fonológica no contexto extraescolar. / Laura Correa Silva; orientador Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias. - Brasília, 2022.
40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Alfabetização. 2. Consciência fonológica. 3. Mediação. 4. Extraescolar. I. Maria Cobucci Ribeiro Dias, Paula, orient. II. Título.

LAURA CORREA SILVA

A MEDIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO EXTRAESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Data da aprovação: ___ / ___ / 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Solange Alves de Oliveira Mendes (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Fatima Ali Abdalah A Cader Nascimento (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Paula Gomes de Oliveira (Suplente)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Memorial

Nasci e fui criada em Unaí – Minas Gerias. Meus pais, Elcio e Silvana, tiveram quatro filhos: Lucas, Laura (eu), Leonardo e Luciana. Tínhamos uma vida simples e tranquila, no ritmo de uma cidade pequena, sempre perto da família e dos amigos. Eu e meus irmãos brincávamos muito juntos. Como em toda casa, havia brigas, mas, no geral, éramos muito unidos. Acredito que a presença dos meus pais em nossas vidas foi determinante para formar quem nós somos hoje, muito devo a eles por chegar até aqui.

Minha trajetória escolar começou cedo, aos quatro anos ingressei no antigo pré, na escola municipal Chapeuzinho Vermelho, na turma da “tia” Marta. Esse período muito influenciou na minha escolha pela graduação em Pedagogia e pelo desejo de atuar na sala de aula. Uma experiência positiva marcante, o carinho da professora consigo sentir ainda hoje, a maneira como ela conduzia as aulas me deixava apaixonada. Desenvolvi uma conexão tão forte com ela que, mesmo após mudar de escola, ainda retornava as suas aulas como ajudante da turma.

Em seguida, mudei para a Escola Estadual Manoela Faria Soares, na qual estudei por nove anos. Também foi muito importante para minha construção. Foi o lugar onde fiz grandes amizades e vivi diversas experiências. Em relação à educação escolar, nunca tive grandes dificuldades, meu processo de alfabetização, por exemplo, se deu de maneira leve. Foi um aprendizado muito tranquilo, antes mesmo de entrar na escola, já havia aprendido a escrever meu nome. Durante o ensino fundamental, além de realizar as minhas atividades, sempre tive o hábito de ajudar os meus amigos com dificuldades a realizarem as deles. Diversas vezes, antes das provas bimestrais, tínhamos o costume de nos reunirmos para que eu pudesse ensiná-los a matéria que ainda não haviam aprendido. Talvez esse fato também tenha influenciado minhas decisões.

O ensino médio posso considerar como uma fase não tão boa da minha trajetória. Não houve nenhum grande acontecimento que a marque de tal forma, porém, depois da graduação e de estudar sobre a educação vi que muito faltou no quesito educacional, pouco incentivo por parte dos professores, conteúdos desconexos com a realidade, uma educação bancária da pior qualidade.

Por todos os anos na escola sempre tive a companhia do meu primo Daniel, diversas vezes na mesma turma, algumas separados, mas sempre muito próximos,

nas mesmas escolas. Nos momentos que não havia aula, finais de semana ou férias, não nos distanciávamos, sempre na casa um do outro brincando juntos. Na adolescência, saindo juntos com os amigos, presente na maioria dos meus melhores momentos. Não mudou muito com o fim do ensino médio, continuamos juntos, mesmo que agora morando em cidades diferentes, não existem palavras que expressem o quanto a presença dele na minha vida me faz feliz.

Durante minha vida, nunca tive uma profissão dos sonhos, o que eu sabia é que queria cursar a graduação, embora não tivesse a certeza do que fazer, eu sempre me vi atuando no ambiente escolar e não conseguia me imaginar em qualquer outro lugar. No terceiro ano do ensino médio, me inscrevi no Enem e, após ele, no Sisu e ProUni. Fiz alguns testes vocacionais gratuitos na internet e os resultados sempre me conduziam à área de humanas. No geral, psicologia e pedagogia. No momento da escolha, me pareceu muito automático a pedagogia e, após esses anos de estudo, posso ter ainda mais certeza.

Nesse meio tempo, ganhei um presente em minha vida: minha sobrinha Júlia Rosa, um amor de menina que conquista todos desde que nasceu. Seu nome é uma homenagem a uma pessoa muito importante em minha vida também, que infelizmente nos deixou em 2015, minha avó Rosa. Na vida, nunca conheci alguém como ela, sua bondade era algo excepcional. A casa da “vó Rosa” foi marcante em todos os sentidos, até mesmo na trajetória escolar. Era hábito sair da escola e ir almoçar lá, todos os dias, do “pré” ao ensino médio. Quando pequenos, meu avô nos buscava e grandes íamos sozinhos. Sempre com comidas que gostávamos. Eu, meus três irmãos, meu primo e, às vezes, alguns amigos nossos. As memórias na casa dela são muitas, só não são tantas como a saudade que ela deixou.

Em 2018, logo após concluir o ensino médio, comecei o curso com uma bolsa de 100% que consegui graças ao ProUni em uma faculdade na minha cidade, mas infelizmente, foi uma experiência péssima. Ingressei em uma turma muito avançada e o pânico me tomou conta no primeiro dia. Ainda assim, descontente, continuei a frequentar as aulas.

No final de semana, recebi um e-mail da UnB, havia sido convocada em segunda chamada também para pedagogia. Mostrei para minha mãe e, no momento, parecia algo comum, nossa ficha ainda não havia caído. Com pouco prazo, na segunda-feira viemos a Brasília e fomos até a Faculdade de Educação, muito perdidas, fazer minha matrícula. Nesse momento, tivemos a noção do que estava

acontecendo e das mudanças que viriam. Um abraço apertado em meio a muitas lágrimas, inesquecível.

Dali em diante minha vida mudou muito. Em uma semana, eu saí da casa dos meus pais e estava morando com minha tia, de uma cidade pequena com ritmo totalmente diferente para a capital. Foi muito difícil me adaptar no início, mas a experiência com a UnB foi incrível desde o começo, professores muito bons que me inspiram muito e amizades que tornaram o processo mais leve e me deram ânimo para continuar.

Amizades sempre foram muito importantes para mim e, graças a Universidade, conheci Letícia Viana, a quem eu sou grata por tudo, muito mais que uma amiga, eu ganhei uma irmã, uma pessoa que me apresentou a família dela de forma que fiz dela minha família também. Ela, fez da sua casa minha casa em momentos de extremas felicidades e também de extremas dificuldades. Sempre foi um acalanto em meio às tempestades que enfrentei, me deu forças quando eu não tinha mais. Presente nos melhores momentos desde 2018, e foram muitos, como na letra de uma música que sempre me lembra ela: “Com ela, a vida tem momentos incríveis; com ela, todos meus sonhos são mais possíveis; lucros invisíveis são melhores separados; somos fortes, juntos imbatíveis”. Me apresentou outros amigos incríveis, Gabriela virou outra irmã, um jeitinho que só ela tem, mas, também, sempre presente, dando forças e me completando.

Infelizmente durante esse período o mundo enfrentou uma pandemia e tudo mudou. Tivemos que nos readaptar. O ensino remoto tornou-se uma realidade árdua, mas era a forma possível da educação continuar.

Enfrentei muitas dificuldades durante o curso, sempre trabalhei para arcar com minhas despesas, conciliar estudos e trabalho não é fácil. Em 2020 tive, então, que me mudar para uma república de estudantes. Experiência que, apesar das dificuldades, eu amei, a sensação de morar “sozinha”, de ser responsável pela própria vida, de pagar as contas, ser independente, fez valer todas os contras. Aos 19 anos, independente, fazendo faculdade, ainda trabalhando de babá e, no final, conciliando com estágio em outra escola. Estava feliz como nunca.

Em 2021 as outras moradoras resolveram, então, entregar o apartamento. Estava, novamente, em uma situação difícil: ou retornava para casa dos meus pais sem concluir a graduação ou me virava novamente. Fui, então, morar na casa onde trabalho de babá, sou extremamente grata a minha patroa que me fez esse convite

diversas vezes e, quando precisei, ela me recebeu de braços abertos. 2021 não foi um ano fácil, passei por altos e baixos que me afetaram muito e, no fim, desenvolvi uma ansiedade depressiva, fiquei mal por um grande período, mas nunca desisti do meu objetivo, comecei a me cuidar e continuo até hoje, me sinto bem atualmente e tenho fé que ainda me sentirei melhor ainda.

Apesar de tudo que passei, não me arrependo de nada, mesmo que não tenha sido nem um pouco fácil, é muito gratificante estar aqui na reta final vendo que tudo deu certo. Sou eternamente grata a Deus por me possibilitar viver tudo isso e por todas as oportunidades que ele me deu. Minha trajetória só me encoraja mais a tentar fazer a educação mais inclusiva, de forma que garanta acessibilidade e permanência para todos!

A MEDIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO EXTRAESCOLAR

Laura Correa Silva

Resumo

Este trabalho tem como tema a mediação da alfabetização com foco na consciência fonológica no contexto extraescolar. O objetivo é compreender como essa mediação pedagógica, com base na Andaimagem de Bruner (1983), pode contribuir para o processo de alfabetização. A pesquisa foi realizada a partir da metodologia etnográfica, durante o período de mais de dois anos acompanhando o dia a dia de uma criança específica de quatro anos, fora do ambiente escolar. Os resultados da pesquisa apontaram, principalmente, que o estímulo das habilidades de consciência fonológica naturais da criança, favorecem o processo de alfabetização e que, através da mediação, o educador é capaz de conduzir o educando em sua Zona de Desenvolvimento Proximal, conceito de Vygotsky (2003), de maneira mais leve, facilitada e lúdica, alcançando melhores resultados. Ainda de maneira particular quanto ao colaborador da pesquisa, é possível contemplar seus resultados positivos a partir das inferências feitas acerca das letras, identificando-as nas palavras, criação de hipóteses sobre a utilização delas nas palavras e da leitura de mundo que começou a desenvolver.

Palavras-chave: Mediação. Alfabetização. Consciência Fonológica. Andaimagem.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo geral investigar como as práticas educativas, focadas na consciência fonológica, realizadas no contexto extraescolar, baseadas na andaimagem, podem contribuir com o processo de alfabetização de uma criança. Para essa investigação e com o propósito de responder a problemática de como essas práticas mediadas pedagogicamente podem contribuir no processo de alfabetização, foram definidos alguns objetivos específicos, sendo eles: compreender algumas práticas educativas relativas aos processos de alfabetização realizadas em contexto extraescolar; refletir sobre a importância da mediação pedagógica para o aprimoramento da consciência fonológica; estudar sobre os processos educativos intencionais fora do contexto escolar.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa interpretativista que, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), este tipo visa compreender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um dado contexto sem generalizá-los. Outro aspecto importante da

pesquisa qualitativa apresentada nesse estudo é o foco nos processos do fenômeno estudado e não somente em seu resultado.

O trabalho foi realizado a partir da etnografia, método de pesquisa que, segundo Gil (2017), teve origem na Antropologia para o estudo de determinadas culturas através da descrição de seus elementos e da observação participante feitas pelo pesquisador. O autor ainda cita que, nas pesquisas etnográficas atuais, o foco não se dá para a cultura como um todo, em vez disso, ocorre de maneira segmentada em pequenas unidades que compõem esta cultura, como escolas, empresas, hospitais, clubes, parques etc.

Entende-se, então, que, com o passar do tempo, a pesquisa etnográfica evoluiu, com a atenção voltada para cada pequena parcela de uma cultura, é possível compreendê-la melhor e ter acesso a informações que poderiam passar despercebidas em uma análise geral.

De acordo com Wolcotto, o uso da etnografia na educação deve pensar o ensino e a aprendizagem em um contexto cultural amplo (Wolcotto *apud* LUDKE, 2018, p.15). A esse respeito também é afirmado que

a etnografia da educação é a prática etnográfica dos professores investigadores e dos investigadores que interpretam os fenômenos educativos pela lente de uma teoria explícita da educação, mediante imersão nas culturas dos praticantes da educação, sejam essas culturas escolares ou não (FINO, 2011).

Hammersley e Atkinson (1991, *apud* Flick 2009, p.214), esclarecem que a etnografia

(...) implica a participação pública ou secreta do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas por um período prolongado de tempo, observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas – na verdade, coletando qualquer dado que esteja disponível para esclarecer as questões com as quais ele se ocupa.

Essa é uma metodologia muito utilizada em pesquisas educacionais, grande parte em ambientes escolares, mas, como podemos ver, ela também pode ser aplicada em contextos de aprendizagem extraescolares, como é o caso da presente pesquisa . A escolha da etnografia foi apoiada em alguns critérios, tais como: realização de observação participante, descrição e análise das informações obtidas,

imersão na vida extraescolar da criança por um longo período e participação ativa da pesquisadora em todas as etapas.

O principal instrumento utilizado foi a observação participante, a partir dela, foram realizadas coletas de dados através de diversas formas, tais como: diálogos, brincadeiras, jogos, atividades planejadas, atividades espontâneas, etc.

Esta pesquisa se justifica por diversos motivos, a começar pela importância do pedagogo como mediador da aprendizagem, também fora do ambiente escolar. O desenvolvimento de um ser muito tem a ver com a forma pela qual ele socializa com os conhecimentos da sociedade de que faz parte, ou seja, pela forma que é educado. Outra motivação veio a partir das experiências vividas pela autora deste trabalho com o colaborador da pesquisa, nas quais, houve a possibilidade de aliar a teoria aprendida nas disciplinas do curso de pedagogia com as práticas desenvolvidas no dia a dia de convivência com a criança.

Vivendo em um mundo em que atualmente infinitas informações estão expostas para quase todos dentro e fora da escola, a mediação do conhecimento deve ter suas práticas repensadas. Com essa concepção, e fundamentando-se nas teorias da Andaimagem de Jerome Bruner (1983) e da Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (2003), parte-se para tentativas de alcançar os objetivos aqui propostos.

Quem é o Curupira?

O Curupira a quem irei me referir neste trabalho não é o do folclore, guardião das florestas que vive na mata, que tem os pés virados para trás e cabelo de fogo. O Curupira a quem aqui me refiro é uma criança que conheci quando esta tinha apenas um ano e frequentava uma instituição privada de educação infantil, na qual trabalhei por um tempo. Irei chamá-la assim para não revelar seu verdadeiro nome, em respeito à sua privacidade e por ética. Para sua participação, foi elaborado um termo de consentimento assinado por sua mãe, e outro para própria criança, lido para ele e assinado por ele, ambos anexados em branco nesta pesquisa em respeito à confidencialidade de dados.

A escolha pelo nome do personagem se deve a um momento marcante na fase apaixonante que esta criança viveu com o folclore brasileiro, sendo tema de festa de aniversário e fantasia para tal evento tão especial em sua vida.

Imagem 1. Curupira experimentando sua fantasia para seu aniversário.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Quando o conheci, eu estagiava no berçário de que ele fazia parte, em minha função, desempenhava atividades pedagógicas e cuidados como alimentação e higiene com os bebês de até dois anos. Lembro perfeitamente do nosso primeiro contato, no parquinho da escola, sua mãe estava receosa em deixá-lo com alguém que ele ainda não conhecia. Ele também, pois não se entregava a desconhecidos. Brincamos e conversamos por um tempo. Quando a professora regente chegou, com quem ele já estava acostumado, retornei à sala e ela foi pegá-lo. Com o passar do tempo, com a rotina da escola, criamos um vínculo. Sua mãe teve a necessidade de encontrar alguém que pudesse ficar com ele aos finais de semana, daí aproveitei a oportunidade de ter uma renda extra e comecei a ir para sua casa aos sábados como sua babá, para fazer companhia, brincar e zelar dos cuidados pessoais do Curupira, assim o vínculo que tínhamos se fortaleceu.

Durante um bom tempo, trabalhei apenas como babá. Em 2020, começamos a viver o triste cenário da pandemia de Covid-19, as escolas e diversos outros setores da sociedade foram paralisados. A mãe do Curupira, médica, teve sua rotina de trabalho dobrada e precisaria ainda mais de ajuda com ele. Nesse período, chegava a ficar em sua casa dois dias seguidos ou mais e, nesse momento, eu o auxiliava, também, nas aulas on-line.

Nessa época, minha vida pessoal também passou por grandes mudanças e, no final de 2021, me mudei para casa do Curupira, onde moro atualmente. Nós já tínhamos uma ligação forte, mas esse fato foi algo marcante e, para ele, era não apenas uma nova moradora, mas uma nova integrante da família, como ele deixava claro em suas falas e nos seus desenhos.

A imagem, a seguir, apresenta uma representação da família do Curupira e pode-se observar que ele desenhou a mãe e o pai, ele, a irmã, e a Tia Laura, autora da pesquisa.

Imagem 2. Cartão da família do colaborador de pesquisa com a inclusão da autora.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Curupira é o caçula de uma família de classe média alta composta por ele, sua irmã mais velha, de doze anos, e seus pais, advogado e médica, casados. Todo seu grupo familiar, incluindo tios e avós, dão muito valor e incentivo à educação. A maioria tem ensino superior completo. Embora os pais não tenham o hábito de ler seus livros pessoais na presença dele, desde que era mais novo, existe o costume de ler histórias para o Curupira. Ele gostava de que todos fizessem isso, os pais, eu, os avós e as outras babás. Já a irmã mais velha, além de ler para ele, tem a leitura como prática rotineira, nos passeios e viagens sempre carrega livros na mochila e, mais recentemente, tem lido muito no *Kindle*¹, ainda conversa bastante sobre o que lê. Outro hábito que reforçou seu gosto pelos livros, foram os passeios até a livraria, enquanto esperávamos sua irmã, sentávamos eu e ele para lermos alguns livros pequenos disponíveis. Depois ele também escolhia um para levar para casa.

Algumas características de Curupira são marcantes em sua personalidade. É uma criança muito afetuosa e carinhosa com as pessoas que tem convívio, sensível e emotiva, se emociona até mesmo com a história de desenhos animados. Seu lado emocional é muito forte, tem muito medo de errar e tem dificuldade em lidar com frustrações. Não gosta de esperar e fica ansioso quando tem conhecimento de algum evento que o anima, como uma viagem ou dia de fantasia na escola. Extremamente rotineiro, gosta dos seus pertences organizados e de fazer tudo do seu jeito. Sua curiosidade, o interesse por aprender coisas novas e seu jeitinho falante, argumentador, que para tudo tem uma pergunta ou justificativa, sempre me cativaram, e isso fez com que ele, a partir de nossas experiências, se tornasse meu colaborador de pesquisa.

Educações

De acordo com o dicionário mini Aurélio (2010), educação é “(...) **2.** Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano.” Partese, então, da compreensão que tão amplo quanto o ser humano é o fenômeno

¹O Kindle é um aparelho para leitura de livros digitais, sua aparência é semelhante a um tablet.

educativo que não existe em uma única forma, é anterior às escolas, transcende os muros desta e permeia toda a vida do ser humano.

Uma divisão importante e esclarecedora das formas de educar é feita por Libâneo (1999) em três modalidades: educação informal, não formal e formal. Segundo o autor, a educação informal caracteriza-se por ser resultado do “‘clima’ em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal.” (LIBÂNEO, 1999, p. 83), por exemplo, valores, costumes, religião, leis, regras de convivência, práticas de criação de filhos, etc. Ele ainda classifica essa modalidade como não intencional, pois acontece de maneira não sistemática, não planejada, de modo difuso e sem objetivos pré-definidos; sendo intencionais as modalidades formal e não formal por serem estruturadas de acordo com determinadas intenções.

Embora Libâneo (1999) mencione a não intencionalidade na modalidade informal, ele deixa claro que tais influências que atuam na formação (principalmente da personalidade) do indivíduo não se constituem em atos *conscientemente intencionais* (), ou seja, mesmo que não se tenha consciência, existem objetivos e intenções inconscientes no exercício da educação informal.

Quando se trata de educação formal, é comum a identificação com a escola devido à sua estrutura, seus planejamentos, conteúdos, currículos, avaliações, etc. De fato, a educação escolar corresponde à categoria formal por sua organização e intencionalidade (ensino-aprendizagem), mas Libâneo faz uma importante reflexão para além do ambiente escolar:

Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. Nesse caso, são atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do escolar propriamente dito (LIBÂNEO, 1999, p. 81).

Assim, fica claro que processos educativos formais podem ocorrer em ambientes fora do contexto escolar, como nos exemplos expostos nesta pesquisa.

É importante ressaltar que, embora neste ano, no Brasil, tenham ocorrido debates em torno do Projeto de Lei 1.388/2022, aprovado pela Câmara dos Deputados como PL 3.179/2012 (Agência Senado, 2022), que visa legalizar a educação básica domiciliar sob responsabilidade dos pais e tutores e ponderação pelo Poder Público (BRASIL, 2022), popularmente conhecido como *Homeschooling* (a transferência do ensino formal da escola para casa), as experiências destacadas neste artigo, que ocorreram todas em ambientes extraescolares, não se enquadram nesse formato. Tais práticas, mesmo que intencionadas no desenvolvimento da aprendizagem da criança, em momento algum substituem ou estão ligadas à instituição de ensino que o Curupira frequenta.

A educação não formal é outra forma de educar intencionalmente, fora da escola, ainda segundo Libâneo (1999), através de atividades com baixo grau de estruturação e sistematização, resultando em relações pedagógicas, mas não formalizadas. Como exemplo, ele cita organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, meios de comunicação social, museus, cinemas, etc. É possível notar que, nesses diferentes espaços, as maneiras de conduzir o conhecimento são diversas e não possuem uma organização didático-pedagógica propriamente, mas todos eles têm esse propósito de ensinar em comum.

O que difere o ensino formal não convencional (fora da escola) para a educação não formal são os níveis de estruturação, sistematização e organização na prática educativa. Para além de sistematizações, intencionalidades (conscientes ou não), organizações, espaços escolares ou extraescolares, é possível observar que existe sempre uma interação entre sujeitos que transmitem e outros que se apropriam do conhecimento. A interação no processo de ensino-aprendizagem será focada a partir de agora.

Vygotsky e Brunner

Tão diversa quanto a educação são as concepções existentes a respeito de seu estudo (LIBÂNEO, 1999). Devido a essa pluralidade, cabe aqui destacar a concepção interacionista, a qual está associada às ideias de Vygotsky, autor de grande importância para esta pesquisa.

De acordo com a concepção interacionista, a aprendizagem se dá na interação entre sujeitos e meio, apoiadas nessa teoria, Neves e Damiani (2006) afirmam:

Na abordagem vygotskyana, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere (NEVES; DAMIANI, 2006, p.7)

Entende-se, a partir disso, que o desenvolvimento do ser humano para Vygotsky é construído ao longo da vida, na interação que este tem com o meio em que vive. Essa é uma relação recíproca, à medida que o indivíduo é influenciado, ele também é capaz de influenciar o meio. A educação, dessa forma, se dá a partir de processos interativos que ocorrem entre educadores e educandos, entre os próprios educandos, entre todos esses sujeitos e o ambiente cultural em que estão.

A respeito da interação entre educador e educando, parte-se do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (2003) que, segundo o autor,

(..) é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 2003 *apud* MONTENEGRO 2012, p.24).

De maneira breve e resumida, pode ser entendida como a distância do que o sujeito é capaz de fazer sozinho ao que ele faz com o auxílio de alguém mais experiente. O ponto ao qual me dediquei investigar foram os “auxílios” prestados durante o desenvolvimento da criança colaboradora ou Curupira. Tais auxílios são interpretados como práticas de mediação pedagógica dada à formação da investigadora e o caráter educacional envolvido nas situações, com o objetivo de que a criança conseguisse alcançar novos conhecimentos a partir do que ela já conhecia.

Ainda a respeito de Vygotsky e a aprendizagem, segundo Montenegro (2012), é importante que quem atua como mediador pedagógico tenha noção da ZDP do aprendiz, pois esta é um reflexo do que está por vir no desenvolvimento mental do sujeito e uma possibilidade de entender do que ele será capaz em seguida.

Existem diversas formas de mediar a aprendizagem. Para um maior embasamento teórico, será utilizada a teoria da Andaimagem de Jerome Bruner (1983) que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2006),

Andaime é um termo metafórico que se refere à assistência visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura presta a um aprendiz, em qualquer ambiente social, ainda que o termo seja mais empregado no âmbito do discurso de sala de aula.

Bruner se atenta ao papel do mediador na aprendizagem, pois busca caracterizar as assistências realizadas por ele durante o momento de ensino e aprendizagem. Assim como os andaimes da construção civil, a mediação a partir da andaimagem objetiva elevar o aluno, neste caso, elevar o seu desenvolvimento cognitivo para o próximo estágio. O autor também acredita na concepção interacionista de educar. Segundo ele, “o desenvolvimento intelectual baseia-se numa interação sistemática e contingente, entre um professor e um aluno, na qual o professor, amplamente equipado com técnicas anteriormente inventadas, ensina a criança.” (Bruner 2008, *apud* Borba e Goi, 2021, p. 6).

Neste trabalho, os exemplos de andaimes prestados, em sua maioria, basearam-se na linguagem verbal, mesmo que estes possam acontecer de maneira não verbal. Segundo Montenegro (2012, p. 33), “a linguagem verbal é, principalmente no caso de interações entre sujeitos mais desenvolvidos, o instrumento básico do ser humano na sua relação com os outros, e mesmo com o mundo”.

Ambas as teorias se completam, a primeira diz respeito ao espaço existente entre o que o aluno sabe e o que ele virá a saber; já a segunda, é referente à maneira pela qual o mediador irá agir para que o aluno desenvolva por este espaço e saia de um ponto para o outro. Ressaltando que não existe uma única maneira de mediar, mas várias.

Mediação

Machado (2016 *apud* Baldissera, 2020, p.18) define mediação pedagógica como “um comportamento do professor, o mediador, que por meio de estratégias mediacionais ajuda os estudantes, os mediados, a se apropriarem do conhecimento

necessário para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa.” Compreende-se, portanto, que, atuando entre educando e conhecimento, o mediador deve facilitar o processo de aprendizagem.

Com o intuito de desenvolver a consciência fonológica com vistas ao processo de alfabetização do Curupira, neste trabalho, a mediação foi baseada no conceito de andaimagem (1983) do autor Bruner, visto anteriormente. O objetivo maior durante as mediações era tornar mais fácil e prazeroso para o colaborador da pesquisa, o processo de alfabetização que está iniciando.

Vale ressaltar que não existe mediação sem interação e sem diálogo, o educador tem a função de interagir com o aprendiz e proporcionar que este dialogue com o objeto de conhecimento que ele virá a internalizar.

Outro conceito relevante sobre a mediação por meio da interação é proposto por Salomon e Perkins (1998). De acordo com os autores, a Mediação Social trata a construção do conhecimento como um processo coletivo e participativo, valorizando o contexto do aprendiz e a interação social. É a forma na qual os indivíduos se ajudam a aprender; neste conceito, está contido a categoria de mediação social ativa. Nesta, os autores mencionam a presença do agente facilitador (professor, mediador) e do aluno em uma relação de aprendizagem na qual o primeiro ajuda o segundo a atingir condições críticas de conhecimento a partir do melhor sistema de aprendizagem para o aluno, com métodos que variam de acordo com a necessidade do educando (Salomon; Perkins 1998, *apud* Andrade; Rejan 2020, p.6).

Quanto à alfabetização, é um processo sistemático que requer orientação de uma pessoa mais experiente. De acordo Soares (2016, p. 45) “(...) a escrita precisa ser ensinada por meio de métodos que orientem o processo de aprendizagem do ler e do escrever.” Ou seja, a mediação pedagógica é uma das principais características deste processo. Através dela o educador deve encontrar o meio mais eficiente que facilite este processo, para que a criança venha ser alfabetizada e letrada.

Alfabetização

Considera-se uma pessoa alfabetizada quando esta é capaz de ler e escrever, a partir do domínio do sistema de escrita alfabético. Para participar ativamente na

sociedade em situações que envolvem leitura e escrita, o indivíduo deve compreender o significado do que está lendo e escrevendo. Estes são dois processos distintos, mas que devem ocorrer simultaneamente, como afirmam Mendonça e Santos (2007)

alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (Soares 1998, *apud* Mendonça e Santos, 2007, p.18)

Dessa forma, durante o período de alfabetização, além da preocupação com o ler e escrever, deve-se ter como objetivo que o alfabetizando, ao final desse processo, seja capaz de compreender e lidar com hábitos do contexto letrado da sociedade que vive, ou seja, que ele esteja alfabetizado e letrado.

Sempre existiu, no Brasil, uma grande problemática em torno dos métodos de alfabetização que Soares (2016, p.16) define como “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, que é o que comumente se denomina alfabetização.” Diante do fracasso escolar na alfabetização, havia uma disputa entre a utilização de métodos sintéticos ou analíticos, na busca pelo que fosse mais efetivo.

Soares (2016) define como sintéticos os métodos que a aprendizagem da língua escrita parte de unidades menores da língua (fonemas, letras e sílabas) para unidades maiores (palavras, frases e textos), dando valor a sonoridade; nos analíticos a aprendizagem se dá a partir de unidades maiores e com sentido (palavra, frase e texto) para então unidades menores (sílabas e letras).

Nos anos 80, emergiu, no Brasil, um novo paradigma denominado de construtivismo. Diferentemente dos anteriores, o foco deste não estava na prática docente guiada por um método delineado mas, sim, em práticas pedagógicas que estimulassem o aprendiz, no acompanhamento e nas orientações realizadas durante a aprendizagem, respeitando as particularidades de cada aluno, o que seria inviável em método único com ações pré-estabelecidas (SOARES, 2016).

Destaca-se que, nos três modelos, existe a presença do educador, em nenhum deles a criança sozinha aprende a língua escrita espontaneamente.

(...) a aprendizagem da escrita não é um processo natural, como é a aquisição da fala: a fala é inata, é um instinto; sendo inata, instintiva, é naturalmente adquirida, bastando para isso que a criança esteja imersa em ambiente em que ouve e fala a língua materna. A escrita, ao contrário, é uma invenção cultural, a construção de uma visualização dos sons da fala, não um instinto. (SOARES, 2016, p. 45).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, é no primeiro ano do ensino fundamental que se deve iniciar o processo de alfabetização, porém antes disso a criança já convive com ambientes letrados na sociedade (mesmo que não frequente a educação infantil). Segundo Soares (2009), na convivência com a escrita, desde pequenas, fora escola, as crianças constroem sua alfabetização e letramento através de seu conceito de língua escrita, das funções do ler e do escrever; seu conhecimento de letras e números; dentre outros. Quanto à educação infantil escolar, afirma:

Como comprovam inúmeras pesquisas e observações em instituições de educação infantil, as crianças de 4 e 5 anos, com raras exceções, evoluem rapidamente em direção ao nível alfabético se são orientadas e incentivadas por meio de atividades adequadas e sempre de natureza lúdica, característica necessária na educação de crianças pequenas (...) (SOARES 2009).

Compreende-se, então, que existe uma naturalidade no desenvolvimento em direção ao nível alfabético de crianças pequenas que frequentam a educação infantil. Dessa forma, levando em consideração que Curupira frequenta instituições de ensino desde um ano de idade, as atividades propostas para ele, pela autora, fora do ambiente escolar, estavam sempre munidas de ludicidade e eram proporcionais ao seu desenvolvimento.

Consciência fonológica

De maneira direta, Cardoso-Martins (1991, *apud* Morais, 2019, p. 45), a respeito da consciência fonológica, define: “é a consciência dos sons que compõe as palavras que ouvimos e falamos.” Para Artur Morais (2019), tal consciência é uma “constelação” composta por habilidades com graus de dificuldades variados e distintos momentos de aparição. A respeito das habilidades fonológicas, ele as confere como

sinônimo de habilidades metafonológicas, estas últimas presentes na consciência metalinguística:

Habilidades metafonológicas: permitem que observemos, por exemplo, que “casa” e “cavalo” “começam de forma parecida” ou que “bola” e “gola” rimam, o que é fundamental para compreendermos por que compartilham, no começo ou no final, as mesmas sequências de letras (C-A, O-L-A) e nos apropriarmos daquelas correspondências som-grafia. Por serem sinônimo de consciência fonológica e constituírem o foco deste livro, tais habilidades serão detalhadas nas seções seguintes. (MORAIS 2019, p. 43)

Para compreensão sobre consciência metalinguística, destaca-se o trecho de Soares (2016, p.125): “a capacidade de tomar a língua como *objeto* de reflexão e análise, dissociando-a de seu uso habitual como meio de interação, é o que se denomina *consciência metalinguística*, capacidade essencial à aprendizagem da língua escrita”. Por essas habilidades estarem associadas à sonoridade, é comum que se manifestem nas crianças (ouvintes e falantes) antes mesmo de que elas dominem o sistema de escrita alfabético. Mas, como dito anteriormente, existem diversos graus e níveis na consciência fonológica, dessa forma, crianças alfabetizadas ou em processos de alfabetização podem ter desempenhos melhores em níveis mais complexos. Para Morais (2019),

[...] se algumas habilidades de consciência fonológica permitem avançar no aprendizado inicial da leitura e da escrita, o domínio do SEA faz com que o indivíduo passe a ser capaz de fazer certas operações sobre as unidades sonoras das palavras que ele não conseguia realizar antes de alfabetizar-se (p. 49).

Uma das habilidades da consciência fonológica importantes para a alfabetização consiste na capacidade de refletir sobre diferentes segmentos sonoros, assim temos “(...) tipo de segmento sonoro envolvido (rimas, fonemas, sílabas, segmentos maiores que um fonema e menores que uma sílaba, segmentos compostos por mais de uma sílaba – como a sequência final das palavras janela e panela)” (BRASIL, 2012, p. 21). Pode-se interpretar, então, nessa mesma habilidade, diferentes níveis de consciência fonológica, como: consciência lexical (identificação de palavras); silábica; fonêmica; de rimas e aliterações.

A respeito do fracasso na leitura e da consciência fonológica, Scliar (2018) afirma

A primeira dificuldade consiste no fato de que, antes de conhecer os princípios do sistema alfabético, a criança não percebe de modo consciente os contrastes entre os segmentos intrassilábicos e não pode segmentá-los, pois não há pausas entre as palavras, nem contrastes entre as unidades que constituem a sílaba. Nos sistemas de escrita como o nosso, as palavras estão separadas por espaços em branco e as unidades que compõem a sílaba escrita são grafemas (realizados por uma ou duas letras no PB escrito): em decorrência, o indivíduo necessita desenvolver a consciência fonológica para reconhecer as primeiras e a consciência fonêmica para identificar os segundos. (p. 253)

Dessa forma, estimular a consciência fonológica é de suma importância, podendo levar o aprendiz a resultados positivos. Ressalta-se, no entanto, que essa não é uma condição única e exclusiva para o sucesso da alfabetização.

Vivências alfabetizadoras com Curupira

As vivências ou práticas descritas nessa pesquisa ocorreram no período de 2021 e 2022, entre os três e quatro anos do Curupira.

Prática educativa 1:

Ouvir histórias era algo rotineiro para Curupira. Ele sempre teve incentivo, por parte de sua família, nesse aspecto. Pode-se dizer que ele possui uma biblioteca particular em seu quarto, com uma infinidade de livros infantis. Por sempre estar em contato com eles, rapidamente desenvolveu o gosto pelas letras, passou, então, a ganhar, também, jogos alfabéticos. Destaco uma experiência que vivemos com um em particular, um quebra-cabeça no qual cada desenho se encaixava com sua letra inicial. Pude notar que, nas primeiras vezes em que brincou, ele associava muito os encaixes pelas cores dos desenhos e das letras e, por isso, errava o encaixe diversas vezes, pois havia letras diferentes com as mesmas cores. A partir de então, planejei uma estratégia com a intenção de ajudá-lo a fazer os encaixes corretamente e de modo que ele compreendesse que aquelas letras que encaixavam eram as iniciais dos “nomes” dos desenhos. Como ele ainda não conhecia todas as letras por seus

nomes, distribuí todas elas e os desenhos pelo chão, logo, enquanto eu segurava uma imagem, pedia para ele encontrar a letra correspondente, por exemplo:

“Curupira, estou segurando a ‘abelha’, encontra a letra ‘A’ de ‘Abelha’”.

Assim, com o tempo, ele começou a se apropriar, de maneira autônoma, da letra inicial das palavras. Como ele gosta de ser estimulado, começamos a brincar com o desafio de concluir a atividade em menos tempo, observando qual letra encontrava mais rapidamente e o quão rápido conseguiria encaixar todas as letras do alfabeto.

Nesse exemplo, podemos ver a mediação através de andaimes visuais e sonoros. Segurando a imagem e dispondo as letras separadas das figuras, facilitei a visualização de Curupira. Dizendo em voz alta o nome da letra e o que estava representado na imagem, ele pôde ter uma compreensão melhor de qual era a letra que “começava o nome” do desenho mostrado.

Esse, além de outros jogos, e o contato com os livros, favoreceram bastante a aprendizagem de Curupira quanto ao conhecimento das letras. A partir de então, Curupira passou a ter cada vez mais interesse por elas e, quanto mais interesse e curiosidade, mais era incentivado em casa.

A imagem, a seguir, representa os encaixes realizados entre desenhos e letras iniciais respectivamente, do quebra cabeça mencionado.

Imagem 5. Encaixes do quebra cabeça com algumas letras do alfabeto Curupira jogava.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Prática Educativa 2:

Além dos jogos, ele teve o entusiasmo e a vontade de começar a “escrever sozinho”. Como ainda tinha algumas dificuldades na coordenação motora fina, ele pedia apenas para que fizesse para ele o pontilhado das letras, assim ele conseguiria escrevê-las passando por cima dos pontinhos. Começou escrevendo apenas números e letras avulsas, em seguida, quis escrever palavras. Nesse momento, começou a desenvolver a consciência de que as palavras eram formadas pela junção das letras, fui capaz de notar o interesse aumentando por parte dele. Começamos, então, a brincar com as letras do seu nome e, rapidamente, ele começou a escrevê-lo sozinho. Para ele, eram sempre brincadeiras, mas diversas vezes minha intenção era aproveitar a curiosidade e o entusiasmo dele e, a partir da ludicidade, proporcionar momentos de aprendizagens significativas.

Na faixa dos três anos, ele já identificava letras nos livros, rótulos, placas e houve um momento em que, no carro, ele pôde notar, no nome de uma empresa de ônibus, a mesma letra inicial do seu próprio nome.

Imagem 6. Ônibus da empresa que possui a mesma letra inicial do nome do colaborador da pesquisa.



Fonte: Ygor Busólogo (2021).

Nesse período, ele ainda não tinha formalmente a consciência fonêmica, ou seja, o reconhecimento dos fonemas (os “sons” das letras) ele as identificava por seus nomes e formatos.

Prática educativa 3:

Curupira conheceu na escola, meses antes de seu aniversário de quatro anos, o folclore brasileiro, um marco em seu desenvolvimento. Nessa fase, ele ganhou vários livros com as lendas em diferentes versões, que eram lidos para ele diariamente. Certo dia, enquanto brincávamos com um dos livros, ele começou a recontar as histórias como se estivesse gravando um vídeo, usando o vocabulário das histórias misturado com o dos youtubers² e, assim, surgiu uma brincadeira que ele ama, que é recontar histórias enquanto imagina estar sendo gravado.

Embora fosse uma atividade feita em casa, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), é possível encontrar no campo de experiências: “escuta, fala, pensamento e imaginação” nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças pequenas de 4 a 5 anos e 11 meses as seguintes orientações:

(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.). (BRASIL, 2018)

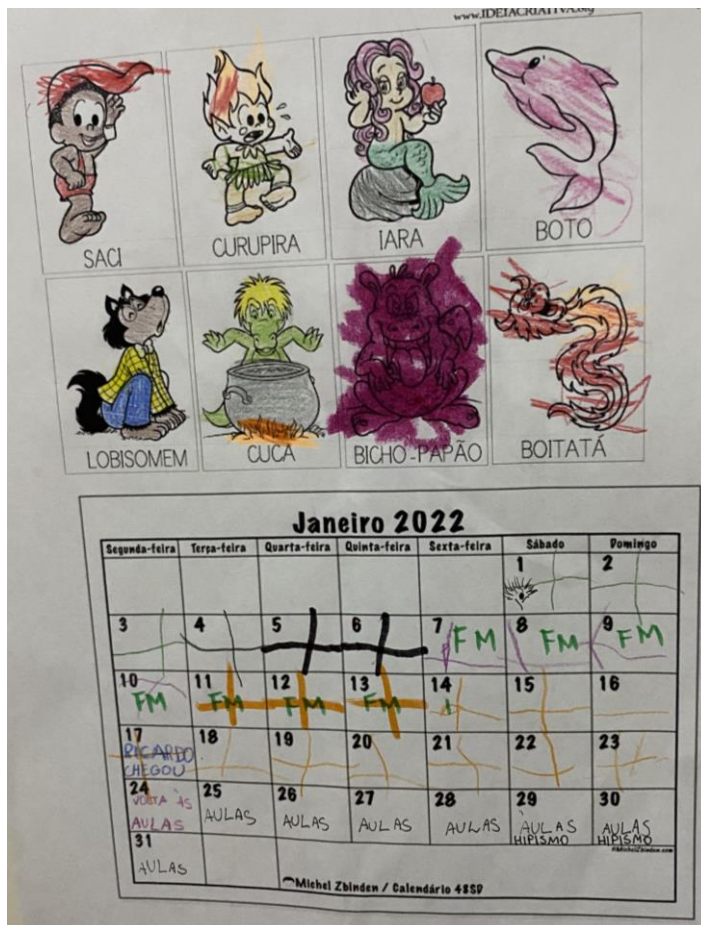
Assim sendo, pudemos ver que a atividade praticada, assim como outras, não eram “exigentes” demais para o colaborador, já que condizem com o que é proposto para a educação formal praticada na sala de aula.

²Youtubers são pessoas conhecidas por criarem conteúdos e postarem na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.

Prática educativa 4:

Nesse período final dos três anos e início dos 4, explorei bastante o alfabeto junto a ele, usando a temática do folclore, através das lendas, fazendo muitos desenhos dos personagens e sempre os nomeando, por exemplo, Saci, Curupira, Boto Cor de Rosa, Mula Sem Cabeça, Boitatá, Boi Bumba, Matinta Pereira, Iara, Lobisomem, Negrinho do Pastoreio. A imagem que segue é um calendário do folclore feito no período de férias para contagem de dias até a volta às aulas do colaborador, alguns dias estão com as letras “FM” para indicar as férias de sua mãe; também estão indicados o dia da chegada do primo que viria visitá-lo e o retorno às aulas. Acima do calendário estão os desenhos dos personagens do folclore e seus respectivos nomes.

Imagem 7. Calendário do folclore para contagem de dias para volta às aulas.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

A partir dessas experiências, pude compreender o nível de desenvolvimento real que ele se encontrava (conhecia as letras do alfabeto), seu interesse não diminuía, pelo contrário, sempre queria saber mais. Estava, então, diante da Zona de Desenvolvimento Proximal de Curupira. Continuei, então, fazendo mediações para que ele desenvolvesse, cada vez mais, chegando ao seu desenvolvimento potencial.

Consegui perceber que ele estava realmente aprendendo tudo isso a partir da seguinte vivência: Curupira é uma criança com acesso à tecnologia e possui facilidade com jogos *on-line*. Encontramos algumas atividades sobre o folclore em um site e, dentre elas, havia uma em que era preciso arrastar o nome dos personagens até suas fotos. Um dia, enquanto o auxiliava, como sempre, lendo os nomes, precisei ir até a cozinha e pedi que ele esperasse até eu voltar. Notei, pelo som do jogo, que ele começou a jogar sozinho e que estava acertando, então perguntei a ele como estava conseguindo, já que eu não estava lendo e ele respondeu:

“Fácil, tia Laura, eu estou olhando a primeira letra.”

A imagem a seguir exibe o jogo mencionado.

Imagem 8. Jogo *on-line* de associação de imagem e nome dos personagens do folclore.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Nas brincadeiras e atividades que fazíamos, sempre utilizava a letra de fôrma ou caixa alta. No jogo *on-line*, como a inicial era a única neste formato, foi baseado nelas que ele se orientou para identificar os personagens. De apenas identificar as letras avulsamente, ele avançou, desenvolvendo, em sua zona proximal, para

identificação delas nas iniciais de palavras que ele estava acostumado a ver nos livros. O andaime que eu prestava a ele, fazendo a leitura dos nomes dos personagens no jogo, já não era mais necessário.

Prática educativa 5:

Curupira aprendeu rapidamente, entre os três e quatro anos de idade, que era necessário o uso das letras na construção das palavras, como já mencionado anteriormente. Certo dia, estávamos na academia e ele fez uma observação que me surpreendeu: O logotipo da empresa é composto pelas letras B e T. Reparando isso, ele me perguntou o que estava escrito, então eu disse que havia ali duas letras que faziam parte do nome da academia (BodyTech) e disse quais eram elas, já que estavam grafadas com um formato que ele ainda não conhecia. De imediato, ele me respondeu: “mas então está escrito só Body”. Enquanto me respondia, ele falava a palavra “body” lentamente e silabicamente, associando uma letra para cada sílaba, a letra B para Bo e a letra T para dy.

Nesse momento, foi possível notar um salto no desenvolvimento da consciência fonológica de Curupira. De acordo com Soares (2016, p.185), “a divisão silábica oral de palavras ou frases emerge espontaneamente nas crianças desde muito cedo”. Além da consciência de que as palavras são formadas por sílabas, Curupira foi capaz de fazer a associação de uma letra para uma sílaba a partir da visualização da escrita, o que não é tão comum.

Com 4 anos, Curupira começou a silabar as palavras frequentemente, mesmo sem compreender o conceito de sílaba. Um dia, no carro, enquanto voltávamos para casa, percebi que ele dizia uma palavra silabicamente repetidas vezes e, em certo momento, contou as sílabas e me disse que aquela palavra tinha x quantidade de letras. Aproveitando o entusiasmo dele, expliquei que o que ele estava contando eram as sílabas, que elas eram pedacinhos das palavras, mas não foquei no conceito em si. Começamos a brincar com os nomes da família e dos colegas de escola, enquanto ele falava todos silabicamente, contávamos juntos quantas sílabas cada um tinha, eu perguntava a ele qual era o menor e qual era maior (de acordo com a quantidade de sílabas). Ele, na maioria das vezes, acertava e quase nunca tinha dúvidas quanto à

divisão silábica dos nomes. Essa estratégia me permitiu confirmar a solidificação de sua consciência silábica.

Mesmo que, acompanhando e mediando o desenvolvimento de Curupira, concordo com Morais (2019) quando o autor afirma que habilidades de consciência fonológica são necessárias para avançar no domínio do Sistema de Escrita Alfabética, porém não são suficientes para o domínio, por completo, desse sistema complexo e gerativo.

Percebendo a evolução de sua consciência fonológica e silábica, comecei a apresentar para o Curupira os fonemas, os sons das letras, de maneira descontraída, no dia a dia, em palavras aleatórias das nossas conversas. Destaco as letras R e L, porque, na fala, algumas vezes, ele troca o R pelo L, sempre o corrigia fazendo a diferenciação do som das duas letras. Ele, então, repetia a palavra corretamente.

É possível ver como ele tem compreendido bem a relação letra-som em diversos momentos, darei alguns exemplos. Estávamos no carro e ele começou a dizer, repetidas vezes, a palavra “Eu”, começou a falar mais devagar e chegou à conclusão: “Tia Laura ‘Eu’ são só duas letras, né? ‘E’ e ‘U’.” Eu disse que ele estava certo e que existem outras palavras assim, somente com duas letras. Falando bem devagar, uma palavra de cada vez, pedi que ele identificasse as letras que estavam nas palavras “AI, UI, OI e EI”. A cada acerto, mais ele se empolgava e mais vezes repetia a palavra para identificar os fonemas de cada letra.

Mais uma vez, utilizei de um andaime sonoro para auxiliá-lo. Falar as palavras lentamente possibilitou a ele identificar, a partir de fonemas que ele já conhecia, as letras que compõem tais palavras. Nesse momento, minha intenção era, mais uma vez, atuar a partir dos conhecimentos prévios e do interesse dele; levá-lo a exercitar sua escuta atenciosa e reforçar a relação letra/fonema.

Ainda sobre essa questão da percepção dos fonemas, em outro momento, enquanto me contava sobre seu dia na escola, Curupira disse: “Tia Laura, o certo é ESCORA ou ESCOLA?”. Sabendo que ele conhecia a palavra correta, eu ainda assim respondi que o certo era *escola*. Ele mesmo então completou a resposta: “Porque tem o L e não o R, né?” Além das percepções que ele tem no dia a dia quanto aos fonemas nas palavras, percebi sua evolução no seu processo de escrita. Curupira tem o hábito de escrever cartas e mandar recados para as pessoas ao seu redor. Quando ele estava

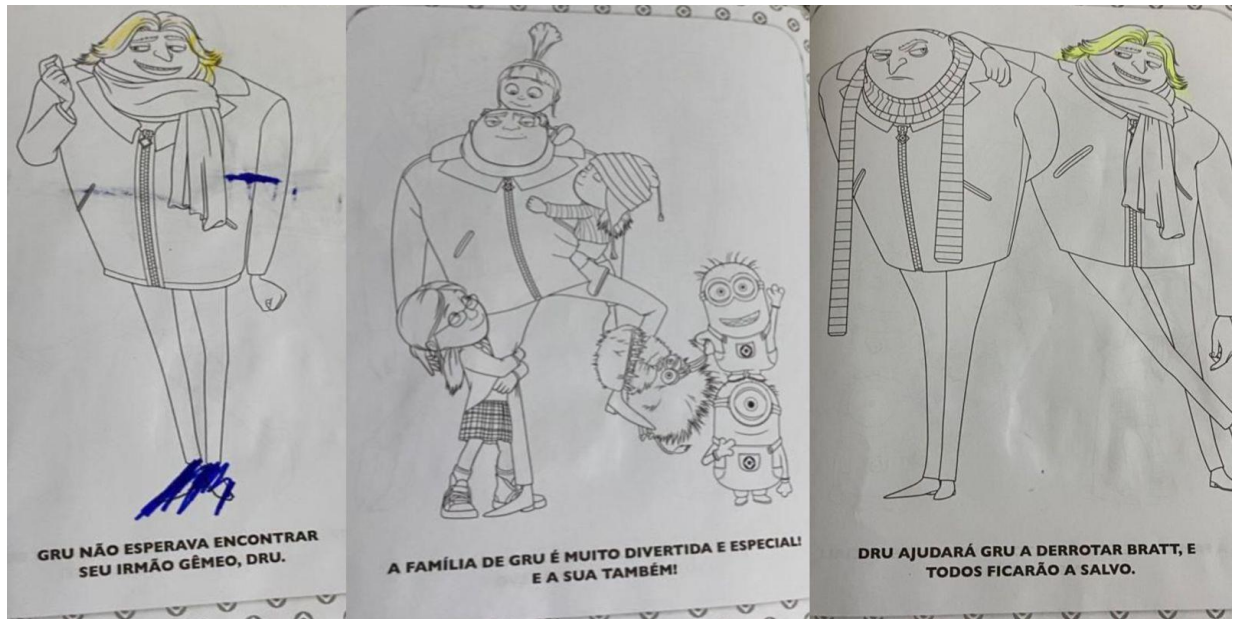
no processo de conhecer as letras, ele pedia que falássemos em voz alta cada letra das palavras, para que ele pudesse escrever. Como o medo de errar é uma característica muito forte nele, por ser extremamente perfeccionista, Curupira ainda não tem a atitude da escrita espontânea, que é a tentativa de escrever sozinho à sua maneira. Mas, agora que reconhece os sons, quando ele pede para escrever algo, ao invés de fazer pontilhados, ditar as letras ou escrever para ele, passei a falar as palavras silabicamente, frisando a sonoridade e digo para ele colocar a letra que tem aquele som. Tenho tentado estimulá-lo para que ele parta para a escrita espontânea, pedindo para ele escrever como ele entende e como ele imagina, mas sua vontade de fazer correto ainda dificulta.

Prática Educativa 6:

Enquanto lia para ele uma história sobre os personagens do filme “Meu Malvado Favorito”, perguntei se ele sabia a diferença entre os nomes do personagem Gru e Dru, ele respondeu que não. Demonstrei para ele então a diferença entre os fonemas da letra D [d] e da letra G [g], mostrando como ficariam então nos nomes que estavam escritos no livro e que têm o restante das letras iguais. Depois de demonstrar na oralidade e na escrita as diferenças, comecei a recontar a história, acompanhando o texto com o dedo indicador. Sempre que apareciam os nomes Dru ou Gru, fazia uma pausa e pedia para ele falar qual era o nome que estava ali, ele sempre acertava. Vale destacar que, de acordo com Soares (2016, p. 173), “A consciência fonêmica – a sensibilidade aos fonemas – é que só se pode desenvolver relacionando oralidade e escrita (...)”.

Embora pudesse se pensar que ele fazia a leitura com base nas imagens, havia páginas com o desenho dos dois personagens juntos, além disso, foi perceptível que ele prestou mais atenção na história e na escrita (para identificar os nomes citados). As imagens a seguir são páginas do livro que possuem o nome dos personagens mencionados.

Imagem 10. Páginas do livro do filme “Meu Malvado Favorito” em que o colaborador conseguiu reconhecer o nome de alguns personagens.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Leonor Scliar propôs um sistema para alfabetizar chamado Sistema Scliar de Alfabetização, a respeito da língua escrita, ela destaca a importância de a compreensão preceder a produção.

Em toda a aprendizagem, para saber produzir, deve-se saber compreender, isto é, antes de falar, a criança deve compreender o que os adultos dizem para ela e assim começar a dominar a língua, para depois poder dizer suas primeiras palavras. A mesma coisa acontece com a língua escrita: sem saber ler, a criança não poderá compreender nem o que ela própria “escreveu” (SCLIAR, 2018, p. 258).

Levando em conta essa afirmação e outras que ela faz a respeito da consciência fonológica, busquei conduzir Curupira a compreender os fonemas e como eles funcionam na composição das palavras. No exemplo anterior, além de compreender a diferença sonora das letras D [d] e G [g], foi possível que ele entendesse que a mudança de uma única letra na palavra (nome) levou a mudança de significado, no caso, variando entre dois personagens diferentes. A respeito da consciência dos usos das letras e fonemas, Scliar ainda afirma

a) Por ir de encontro a como o indivíduo percebe a cadeia da fala, a alfabetização não é fácil e o método tem que ser argutamente pensado para refazer a percepção do indivíduo, de modo que ele torne consciente o conhecimento para o uso que já tem para não utilizar aleatoriamente o fonema /b/, ao invés de /m/, por exemplo: quando quiser se referir a “Caixa, geralmente revestida de couro, lona, etc., usada normalmente para transporte

de roupa e outros objetos, em viagem” (Priberam, 2013-2018), dirá /'mala/ e não /'bala/; (Scliar, 2018, p. 253).

Prática Educativa 7:

Certa vez, Curupira me pediu ajuda para escrever em uma folha a frase seguinte: “Ben 10 Círculo do meu vídeo game”. Sempre quando ele escreve, gosto de observar. Nesse exemplo em específico, orientei-o pelos fonemas e pelos sons das sílabas, ele ainda teve dificuldade em reconhecer pela sonoridade as consoantes. No momento em que foi escrever a palavra CÍRCULO, quando eu disse a primeira sílaba, ele, de imediato, me perguntou se a primeira letra era o S, justamente pelo fato de possuírem o mesmo som. Eu, então, expliquei que essa palavra tinha o som do [s], mas era escrita com a letra C, porque, como eu já havia contado para ele antes, a letra C pode ter esse mesmo som quando está com a letra E e com a letra I. Embora para ele essa parte dos fonemas da letra C, no caso, que podem ser [s] ou [k] ainda seja muito complexa, Curupira é uma criança muito questionadora e observadora, então sempre que ele me faz uma pergunta, gosto de responder a verdade e de forma completa, considerando a maturidade de compreensão dele.

Além disso Scliar afirma que um dos critérios necessários para que se compreenda antes da aprendizagem da leitura é

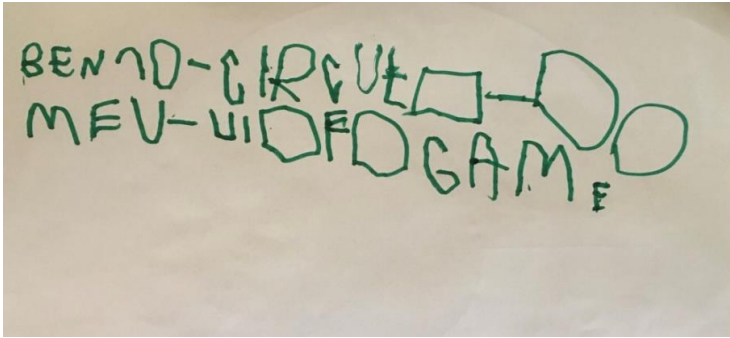
c) uma ou duas letras realizam um grafema que tem o valor de um fonema; às vezes, um grafema poderá ter sempre o mesmo valor, como <f>, mas, outras vezes, a mesma letra poderá realizar grafemas distintos, como c, cujo grafema, antes de u, o, a tem o valor de /k/, como em cubo, cor, cola e antes de i, e tem o valor de /s/, como em cipó, cera (SCLIAR, 2018, p. 260).

Mesmo que a intenção não fosse a alfabetização diretamente, pretendia prepará-lo para tal processo, que ele passará mais adiante, de maneira que ele, quando chegue em tal momento tenha menos dificuldades.

Ainda sobre a personalidade questionadora de Curupira, quando me faz perguntas cujas respostas não me recordo ou não sei, peço que ele me ajude a procurá-las, nos seus livros ou na internet através do celular ou do computador. Ele

mesmo, quando faz uma pergunta e é respondido com um simples “não sei”, responde “Pesquisa na internet então”, o que evidencia que ele já conhece a importância do papel social da internet como ferramenta de pesquisa.

Imagem 9. Escrita realizada pelo colaborador com auxílio da autora da frase idealizada por ele aos 4 anos.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Na frase da imagem acima, na palavra GAME ao invés de orientá-lo pela sonoridade, optei por dizer quais eram as letras e expliquei que ela é uma palavra da língua inglesa (com que ele tem contato, pois estuda em uma escola bilíngue).

A respeito da escrita de textos coletivos ou reescrita de textos com ajuda do educador, Castanheira (2007, p. 93) afirma “Durante a construção do texto ocorrem negociações como as análises interpretativas, a função da palavra no texto, convenções ortográficas, além de ser uma rica oportunidade para ampliar a consciência fonológica.” Enquanto o colaborador escrevia sua frase com meu auxílio, foi possível proporcionar reflexões em torno dos fonemas, principalmente da letra C a partir de sua dúvida, ampliando, assim, sua consciência fonológica.

Prática Educativa 9:

Curupira, nessa fase, também tinha o hábito de dizer que algumas palavras tinham o ritmo parecido, ele se referia às rimas. Um exemplo disso foi quando ele comparou as palavras “Energia” e “Alergia” e percebeu que os sons finais das palavras pareciam. Sempre afirmei que o som delas (e outras comparações) se pareciam, mas não por causa do ritmo, então mencionava que essa semelhança é chamada de *rima*, porque o som final dessas palavras era parecido. Como uma criança que adora

aprender coisas novas, ele incorporou isso ao seu repertório. Certo dia enquanto escolhia um desenho pra assistir, ele fez a seguinte associação: “Net³ rima com internet né?”. Em outro instante afirmou que *brincar* e *jantar* também rimavam. Daí em diante começamos a brincar de rima, eu começo dizendo algumas palavras rimadas e ele vai completando com palavras do repertório dele que rimam com as que eu digo.

Friso a importância do diálogo na construção do conhecimento, segundo Castanheira (2007), através dele em situações de interação entre professor/aluno a zona de desenvolvimento proximal pode ser ampliada. Entendendo professor como educador e aluno como educando, no contexto extraescolar, o diálogo é de suma importância, é necessário que exista espaço de fala para que a criança, no caso desta pesquisa, consiga expor suas compreensões, socialize seus conhecimentos, e que estes sejam refletidos conjuntamente para que se necessário haja a reconceptualização, ou seja, que o aprendiz ressignifique seus conhecimentos (CASTANHEIRA, 2007).

No exemplo anterior, caso Curupira não tivesse socializado sua compreensão de “palavras com ritmos parecidos”, ele não teria ressignificado seu conhecimento nesse momento para entender que palavras com sons finais parecidos são rimas; ou ainda, caso não fosse oportunizado a ele um diálogo saudável ou simplesmente fosse ignorado sua fala, não havendo interação, ele também não teria alcançado tal conceito sozinho.

Considerações

Como dito no início deste trabalho, a educação permeia toda a vida do ser humano, seria errôneo dizer que esta é uma conclusão final, pronta e acabada pois Curupira seguirá aprendendo mais todos os dias. Mas, em síntese, referente às teorias expostas, as vivências analisadas, entendendo que o foco eram os processos analisados e que este tipo de pesquisa não generaliza resultados, é possível compreender que: a) a exposição a ambientes lúdicos e letrados despertou desde cedo em Curupira a curiosidade quanto ao sistema alfabético; b) embora algumas habilidades da consciência fonológica manifestem-se naturalmente em crianças

³ Net neste caso foi em referência à empresa de telecomunicação. A família do colaborador possui acesso a internet e canais de assinatura paga por meio dessa empresa.

(ouvintes e falantes), quando são estimuladas facilitam para o aprendiz a compreensão do sistema de escrita alfabético como notação do que se fala; c) o processo de alfabetização é complexo e árduo, mas é possível torná-lo mais leve através da ludicidade; d) não existe um método melhor de se alfabetizar, mas ensinar aliando oralidade e escrita (visual) levou Curupira, dadas suas características, a bons resultados, o aprendiz passou a fazer inferências acerca das letras identificando-as nas palavras; criou hipóteses sobre a utilização delas nas palavras; começou a desenvolver a leitura do mundo; e) através da mediação, principalmente com base na Andaimagem, o educador pode conduzir o educando em sua zona de desenvolvimento proximal, saindo do seu nível de conhecimento real, indo em direção ao seu desenvolvimento potencial, no qual inicialmente ele precisará de auxílios, mas quando internalizar o conhecimento tais auxílios não serão mais necessários.

Por fim, entende-se que a educação está presente em diversas esferas no dia a dia, cabe ao pedagogo ter a capacidade de compreendê-la e a atitude de desenvolvê-la da melhor forma possível.

Referências

- AGÊNCIA SENADO. *Projeto que autoriza educação domiciliar começa a ser discutido no Senado*. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/26/projeto-que-autoriza-educacao-domiciliar-comeca-a-ser-discutido-no-senado>>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- ALBUQUERQUE, Eliana B. C. de. Conceituando Alfabetização e Letramento in *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Org. por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ANDRADE, Mariana A. B. S.; REJAN, Daniela C. L. *A mediação educativa em uma atividade de educação não formal: uma análise sob a perspectiva de Salomon e Perkins (1998)*. Revista Ensaio, v.22, 2020. Disponível em:< <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ensaio/article/view/16385>>. Acesso em: 13 set. 22.
- BALDISSERA, Lucilene Fátima; MACHADO, Mércia Freire R. C. *Mediação pedagógica e metodologias ativas no contexto da educação profissional e tecnológica a distância*. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2020. Disponível em:< <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/571480>>. Acesso em: 13 set. 22.
- BORBA, Fabiane I. M. de O.; GOI, Mara Elisângela J. *Jerome Bruner nos processos de aprender e ensinar Ciências*. Research, Society and Development, v. 10. 2021. Disponível em:< <file:///C:/Users/User/Downloads/9508-Article-153766-1-10-20210107.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2022.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. *O professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella M.; Fernandes De Sousa, M.A. *Andaimos e pistas de contextualização: um estudo do processo interacional em uma sala de alfabetização*. 2006. Disponível em: <<https://www.stellabortoni.com.br/index.php/projetos/projeto-lef/category/11-artigos#>>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 1.338, de 2022. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e 8.069, de 13 de julho de 1990, (Estatuto da Criança e do Adolescente), para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica. Brasília: Câmara dos Deputados. 2022. Disponível em:<<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=9160375&ts=1661258113573&disposition=inline>>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em:< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>>. Acesso em: 07 set. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3*. Ministério da Educação, 2012. Disponível em:< <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/131.pdf>>. Acesso em: 13 set. 22.

- BUSÓLOGO, Y. *Viação Pioneira 229903 em Brasília por Ygor Busólogo - ID:8578815*. Ônibus Brasil, 2021. Disponível em: <<https://onibusbrasil.com/BusologiaSemFronteira/8578815> >. Acesso em: 30 ago. 2022.
- CASTANHEIRA, Salete Flôres. *Estudo etnográfico das contribuições da sociolinguística à introdução ao letramento científico no início da escolarização*. Brasília, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/3171>>. Acesso em: 13 set. 22.
- DAMIANI, Magda F.; NEVES, Rita de A. *Vygotsky e as teorias da aprendizagem*. UNIrevista (UNISINOS), São Leopoldo, v. 1, n.2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3453/Vygotsky%20e%20as%20teorias%20da%20aprendizagem.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 set. 2022.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Coord. Marina Baird Ferreira. – Ed. 8. Curitiba: Positivo. 2010.
- FINO, C. N. *Etnografia da Educação*. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-Uma, 2011. Disponível em: <<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1820/1/Etnografia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. – São Paulo. Atlas, 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 2.ed.- São Paulo, Cortez, 1999.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. [2. ed]. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.
- MONTENEGRO, Ana Josil Sá B. *Estratégias de andaimagem em textos pedagógicos orais e escritos*. Recife, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8001>>. Acesso em: 13 set de 2022.
- MORAIS, Artur Gomes de. *Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização*. 1.ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2019.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Textos Essenciais e Fundamentos do Sistema Scliar de Alfabetização*. ReVEL, edição especial n.15, 2018. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/529cefa8cedce79fe8bd86cb72d0556d.pdf>>. Acesso em: 13 set. 22.
- SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. - São Paulo. Contexto. 2016.
- SOARES, Magda. *Oralidade, alfabetização e letramento*. Revista Pátio Educação Infantil -Ano VII-Nº20. Jul/Out 2009. Disponível em: <<http://falandodospequenos.blogspot.com/2010/04/alfabetizacao-e-letramento-na-educacao.html> >. Acesso em: 13 set. 2022.

Anexos**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM
DE MENOR DE IDADE**

Eu, (nome do(a) responsável legal), (nacionalidade), (estado civil), portador(a) da Cédula de Identidade RG nº (numero), inscrito(a) no CPF/MF sob nº (numero), residente à Rua (endereço), nº (nº), (cidade)–(Estado), representante legal de (nome do(a) menor), (nacionalidade), nascido em (data de nascimento), menor de idade, **AUTORIZO a participação na pesquisa intitulada “A MEDIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO COM FOCO NA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO CONTEXTO EXTRAESCOLAR.” e o uso da imagem do(a) menor aqui descrito, em fotos**, realizados por (nome do estudante de pedagogia) (nacionalidade), (estado civil), portador(a) da Cédula de Identidade RG nº (numero), inscrito(a) no CPF/MF sob nº (numero), residente à Rua (endereço), nº (nº), (cidade)–(Estado).

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, sejam eles impressos, ou digitais e em toda e qualquer mídia.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito da imagem do menor, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

(Cidade),(Estado),(Data xx/xx/xxxx)

Responsável Legal

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **(nome fictício usado na pesquisa)**, nascido em **(data de nascimento)**, declaro que desejo participar da pesquisa intitulada “A MEDIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO COM FOCO NA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO CONTEXTO EXTRAESCOLAR.” e autorizo o uso de minha imagem em fotos.

(Cidade), (Estado), (Data xx/xx/xxxx)

Colaborador de Pesquisa